



**Universidade do Estado do Rio De Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Faculdade de Direito

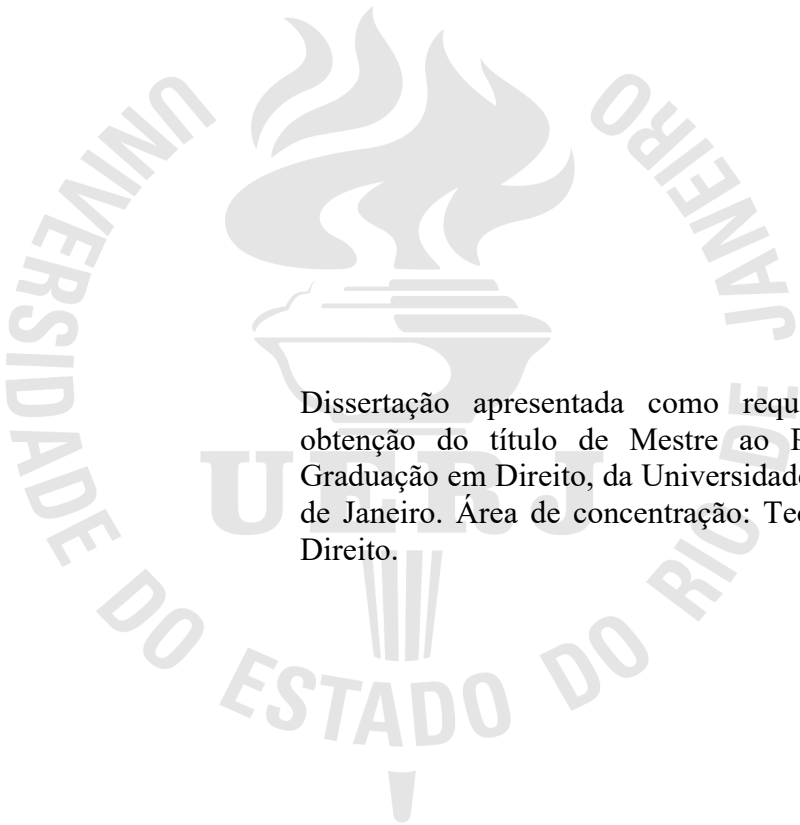
Luiz Felipe Teves de Paiva Sousa

**Bioprodução, Constituição e Trabalho:  
do Welfare ao Commonfare**

Rio de Janeiro  
2016

Luiz Felipe Teves de Paiva Sousa

**Bioprodução, Constituição e Trabalho:  
do Welfare ao Commonfare**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Direito, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria e Filosofia do Direito.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Fabiano Mendes e Prof. Dr. Ricardo Nery Falbo

Rio de Janeiro  
2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CCS/C

S725

Sousa, Luiz Felipe Teves de Paiva.

Bioprodução, constituição e trabalho: do Welfare ao Commonfare / Luiz Felipe Teves de Paiva Sousa. - 2016.  
145 f.

Orientador: Dr. Alexandre Fabiano Mendes.  
Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Faculdade de Direito.

1. Biopolítica- Teses. 2. Neoliberalismo – Teses. 3. Bem –estar social – Teses. I. Mendes, Alexandre Fabiano. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Direito. III. Título.

CDU 364

Bibliotecária: Marcela Rodrigues de Souza CRB7/5906

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Luiz Felipe Teves de Paiva Sousa

**Bioprodução, constituição e trabalho:  
do Welfare ao Commonfare**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Direito, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria e Filosofia do Direito.

Aprovado em 28 de março de 2016

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Alexandre Fabiano Mendes (Orientador)  
Faculdade de Direito – UERJ

---

Prof. Dr. Ricardo Nery Falbo (Orientador)  
Faculdade de Direito – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bethânia Assy (UERJ)  
Faculdade de Direito – UERJ

---

Prof. Dr. Enzo Bello  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro  
2016

Um trabalho, quando não é ao mesmo tempo uma tentativa de modificar o que se pensa e mesmo o que se é, não é muito interessante.

*Michael Foucault*

## RESUMO

TEVES. L. F. *Bioprodução, Constituição e Trabalho: do Welfare ao Commonfare*. 2016. 145f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A presente dissertação busca estabelecer uma determinada relação entre análises no campo da econômica, do direito e do social. Para tanto, percorre principalmente o operáismo e o pós-operáismo e também as produções de Foucault, com a preocupação de traçar uma transição da modernidade para a contemporaneidade sob a perspectiva da política sobre a produção e exploração econômica e do funcionamento jurídico-político das instituições. O caminho teórico se inicia com as análises da produção econômica, percorrendo os momentos e as transformações dos movimentos e das lutas por dentro do Estado de Bem-Estar social até o governo neoliberal e financeiro, em suas particularidades e configurações da exploração e da dominação. Depois, passa pelo mesmo percurso, mas sob as lentes das análises do funcionamento das instituições jurídico-políticas, também observando as dificuldades e transformações impulsionadas pelas organizações oriundas da sociedade, que passaria da centralidade do Estado social, com a constitucionalização do trabalho, para formas dispersas de controle no neoliberalismo e na *governance*. Por fim, o último capítulo é dedicado ao cenário da produção biopolítica como um campo aberto de lutas, na construção multitudinária de novas instituições, que atravessa a economia, o direito e se inseriria em toda a sociedade, bem como as aporias que as suas lutas encontrariam atualmente.

Palavras-chave: Estado de Bem-Estar social. Biopolítica. *Governance*. Neoliberalismo. Operáismo.

## ABSTRACT

TEVES. L. F. *Bioproduction, Constitution and Work: from Welfare to Commonfare*. 2016. 145f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This dissertation seeks to establish a certain relationship between analyzes in the field of economic, law and the social. Therefore, works through the operaism and post-operaism and also Foucault's productions, with the purpose to draw a transition from modernity to contemporaneity from the perspectives of the policy on production and economic exploitation and of the legal and political functioning of institutions. The theoretical path begins with the analysis of economic production, analyzing the transformation of movements and struggles inside the Welfare State to the neoliberal and financial government in their features and settings of exploitation and domination. Then, pass through the same path, but with the lens of the analysis of the functioning of the legal and political institutions, also analyzing the difficulties and changes driven by organizations from the society, which would transform to the centrality of the welfare state, with the constitutionalization of work, to forms of dispersed control in neoliberalism and governance. Finally, the last chapter is dedicated to the setting of biopolitical production as an open field of fights and in multitudinous construction of new institutions, which runs through the economy, the law and would enter in the whole society, as well as the aporias that this struggles find today.

Keywords: Welfare State. Biopolitics. Governance. Neoliberalism. Operaism.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	7
1	<b>DA PRODUÇÃO FABRIL À BIOPOLÍTICA.....</b>	14
1.1	<b>Estado de Bem-Estar social.....</b>	15
1.2	<b>Produção biopolítica.....</b>	29
1.2.1	<u>Da produção industrial para a empresa pós-industrial.....</u>	31
1.2.2	<u>Operário-social, intelectualidade geral e subsunção total da sociedade.....</u>	38
1.2.3	<u>Neoliberalismo, governo das finanças e produção biopolítica.....</u>	46
2	<b>TRABALHO E FUNCIONALIDADES JURÍDICO-POLÍTICAS.....</b>	63
2.1	<b>Constitucionalização do trabalho e sua crise.....</b>	65
2.1.1	<u>O trabalho na constituição.....</u>	67
2.1.1.1	Modelo de constitucionalização.....	74
2.1.1.2	Crítica ao modelo.....	78
2.1.2	<u>Crise da valorização social do trabalho.....</u>	80
2.2	<b>Direito, autoridade, excedência e governance.....</b>	85
2.2.1	<u>Governance.....</u>	88
2.2.2	<u>Governance política e jurídica.....</u>	92
2.3.1	<u>Crítica e exploração da excedência pela governance.....</u>	97
3	<b>PODER CONSTITUINTE, GOVERNANCE E BIOPOLÍTICA.....</b>	112
3.1	<b>Biopolítica como resistência e abertura.....</b>	113
3.2	<b>Aporias do fechamento da biopolítica.....</b>	125
3.2.1	<u>Estado-nação em contraposição à globalização.....</u>	125
3.2.2	<u>Centrar-se nos procedimentos da democracia moderna.....</u>	127
3.2.3	<u>Voltar-se para o fortalecimento das identidades.....</u>	129
3.2.4	<u>Afirmar uma separação entre finanças e economia real.....</u>	131
3.2.5	<u>Negar a governance através de uma rigidez.....</u>	134
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	136
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	138



## INTRODUÇÃO

Os homens se divertem fazendo a história (historiografia) do tempo que vem antes deles e que, falsamente, imaginam acumulado conforme uma ordem cemiterial, interpretando (dizem) o passado. Mas não há possibilidade de mergulhar naquele ser que vem antes, a não ser iluminando-o com o presente, reconstituindo-o e sentindo-o viver no presente. Em outras palavras, o nome comum da práxis histórica só pode ser "genealogia do presente", quer dizer, uma imaginação que traz a ser aquilo que existiu antes, da mesma maneira como constitui o ser por vir. Não se interpreta o passado, mas se experimenta.

*Antonio Negri*

Tradicionalmente, a introdução de um trabalho acadêmico se constrói com o objetivo de percorrer os pontos gerais a serem alcançados e a organização dos seus diferentes tópicos para tanto. É uma tarefa que ajuda em todos os sentidos o leitor a se situar quanto ao fio condutor da obra que se apresentará e uma boa forma de ligar os pontos para que ele não perca de vista os objetivos gerais.

Contudo, muito por se concentrar apenas sobre essa tarefa, grande parte dos trabalhos acadêmicos não valoriza ou não se volta para o percurso daquele que escreve. Assim, muitas vezes a figura do pesquisador aparece como um ponto subentendido: ou uma determinada filiação a um pensamento ou escola; um primeiro sobrevoou em um campo; ou também uma pesquisa empírica que constrói ou um teste de ferramentas teóricas.

Talvez tão importante quanto apresentar os objetivos do texto, o esclarecimento das razões e motivações subentendidas, além de também ajudar a guiar os objetivos da pesquisa, traz a parte menos abstrata ou mais concreta da vida que atravessa a academia e que sempre a constitui, a despeito do interesse em reconhecê-la ou não.

Portanto, seguindo essas diretrizes, o que eu gostaria agora de contar é um pouco do percurso dessa presente dissertação ou, ao menos, do meu percurso no mestrado e que me levou à presente pesquisa.

É interessante pensar que alguns podem entrar na pós-graduação já cientes do campo e das pesquisas que gostariam de empreender. Talvez continuando uma pesquisa realizada na graduação ou estabelecendo aproximações empíricas de recortes teóricos já fixados. Contudo, há também aqueles que entram e desejam experimentar e mudar, o que foi claramente o meu caso.

Aquilo que se pode reconhecer como uma sorte ou uma questão de mero acaso, mas um

acaso bastante gratificante, no momento da minha entrada no mestrado tive o imenso prazer de conhecer o professor Ricardo Nery Falbo. Sob os seus conselhos, percebi que as experiências acadêmicas não necessariamente precisavam reproduzir uma restrição ou uma imposição de linhas e escolas de pensamento. E, sob essa primeira orientação, reforcei o desejo de experimentar.

Não por menos, ele se tornou o meu orientador nessa dissertação e, apesar do seu enorme esforço de tentar me fazer valorizar as experiências acadêmicas e da vida acumuladas (o que nunca deixar de fazer), permitiu e me abriu um verdadeiro espaço de experimentação para transitar pelas diferentes campos teóricos e pelas inúmeras possibilidades de pesquisas que eu viesse a apresentar. Talvez absurdamente, apresentei um total de sete projetos, sendo o que agora escrevo o resultado de um oitavo.

Depois de ter a grande chance de encontrar um orientador que me permitiu experimentar e explorar livremente, acabei encontrando nessa viagem o meu segundo orientador, o professor Alexandre Mendes. É engraçado como tudo coincidiu e eu consegui finalmente me debruçar sobre uma produção teórica que dissesse mais sobre o que eu gostaria de pesquisar e também sobre uma perspectiva de mundo prática que me permitisse uma orientação crítica livre e aberta.

Então, aquilo que eu comecei a estudar com o Alexandre foi o operaísmo<sup>1</sup> e outras produções teóricas que se aproximariam e que dialogaram diretamente com o seu universo de pesquisa, centrando-se especificamente sobre o tema político da produção e do capitalismo moderno e contemporâneo. Foi uma chave de leitura que me abriu o percurso de um marxismo crítico diferente, ao mesmo tempo em que continuaria alinhando a leitura econômica com a necessária lente política.

Como a presente dissertação vai resgatar grande parte dessa literatura, principalmente as de Antonio Negri e Michael Hardt, talvez fosse o caso de agora de conhecer um pouco mais sobre as suas propostas e entender um pouco do seu instrumento diferencial que a permitiu realizar uma análise diferencial das transições históricas.

Dessa forma, podemos reconhecer primeiramente que essas produções se propuseram a analisar o capital com relação a certas transformações históricas. Transformações que seriam identificadas por um motor específico e determinado. Assim, poderíamos perguntar: qual seria

---

<sup>1</sup> O operaísmo será melhor explicado ao longo da dissertação e principalmente no primeiro capítulo. Para mais, pode-se conferir as indicações das notas de rodapé 5 e 6.

esse motor? Ou melhor, o que determinaria as mudanças pelas quais o capitalismo enquanto uma relação de exploração passou e passa?

Apesar de poder parecer uma mera questão metodológica, a pertinência do estudo desse motor é determinante para entendermos uma das grandes marcas do operáismo. Podemos dizer que existe abstratamente uma diferenciação entre duas propostas de análise, que existiriam mesmo para dentro dos estudos críticos sobre as atuais formas de manifestação das relações de exploração do capitalismo.

Uma primeira análise ou caminho teórico poderia ser apontado como aquele que reconhecera a história do capitalismo como a de uma força implacável em busca de acumulação e reprodução de suas condições. Mais do que qualquer conflito, mais do que a luta de classes, que poderia existir e se manifestar, o capital possuiria a sua força interna que direcionaria as suas transformações. Em uma dialética teleológica ou muito pouco aberta a mudanças externas, o capital seria constituído como um poder autônomo. Assim, dentro dos recortes produzidos por esse caminho, identificar-se-ia uma concepção de deduzir o “jogo” das mudanças históricas de dentro de um sistema fechado e autocentrado; um modo de produção que sempre teria um fim e apenas sopesaria as resistências que encontrasse, fazendo de tudo para superar as suas contingências.

Diferentemente, em uma segunda abordagem possível, lançar-se-ia luz sobre um outro polo para justificar as mudanças e as crises pelas quais o capitalismo passou. A proposta desse caminho seria articular o estudo do motor através de uma estratégia teórica e prática de primazia da resistência. Uma primazia que reconhecera a necessidade de traçar todas as mudanças relativas à reprodução e produção sociais aos movimentos revolucionários, às resistências subjetivas que se apresentaram em cada momento determinado da história e que forçaram estrategicamente o capital a funcionar em outras coordenadas. Proporia enxergar principalmente uma outra história, não a do desenvolvimento do capital e da sua acumulação, mas das lutas contrárias, construindo a sua chave através da emergência contingente e material dos antagonismos presentes no corpo da sociedade.

Conforme a própria exposição das duas abordagens poderia já adiantar, o operáismo se filiaria à segunda. O diferencial da sua proposta seria esse reconhecimento de que o enfoque apenas sobre o capital acabaria por diminuir, ou até mesmo ofuscar, a importância das lutas e dos movimentos de contestação e resistência.

A estratégia da primazia seria o instrumento que permitiria identificar e dar conta do motor das transformações, para articular as variáveis da relação causal que teriam determinado a tortuosa história da modernidade e do capitalismo: as revoltas e as insatisfações dos diferentes sujeitos, individuais e coletivos. Insatisfações que teriam se traduzido em lutas, em reivindicações que excediam a estrutura do capital e que teriam colocado a relação de exploração do capital em uma situação de constante perigo, impondo-lhe a necessidade estratégica de mudanças reativas para manter a sua sobrevivência.

Dessa forma, partindo dessa primazia, essa literatura enxergaria não apenas a mudança como algo genérico, mas traçaria o percurso material das lutas na modernidade como a “história de uma revolução permanente” (NEGRI, HARDT. 2004, p. 153). Uma revolução constituinte inacabada e em constante reformulação, apesar dos esforços de retomada do controle do capitalismo.

Talvez como uma forma de pensarmos melhor sobre essa relação entre as lutas e o controle, podemos aqui lançar mão de uma metáfora. Uma metáfora que nos ajudará durante a dissertação a perceber a marca dessa fratura crítica que o operáismo demarcou e cujas leituras vamos acompanhar.

Nesse sentido, seria interessante pensarmos na primazia da resistência dentro de uma analogia perspectiva com a física mecânica dos movimentos. Conceberíamos assim as transformações do capitalismo dentro da imagem de duas forças que agiriam sobre um corpo disforme. Esse corpo seria a formação social, a aglomeração de uma multiplicidade de sujeitos (ou singularidades, como será visto no terceiro e último capítulo) dispostos e organizados como uma sociedade ou como o seu efeito direto<sup>2</sup>. E, quanto às duas forças, poderíamos traçar suas direções diferentes e não contrárias: de um lado o vetor da estrutura, do modo de produção e reprodução do capital e as formas de controle, dominação e exploração; de outro, o vetor da composição das lutas sociais, que dependeriam das condições de agenciamento imprevisíveis,

---

<sup>2</sup> Quando se pensa a sociedade como efeito das relações de poder, assim como quando se pensa o Estado dessa forma, remete-se diretamente a Foucault e a sua articulação do poder e da formação da razão de Estado moderna. Para Foucault, a sociedade, ou melhor a população, como uma multiplicidade a ser controlada e disposta, assim como a figura da razão do Estado, teriam surgido na modernidade como um efeito da rearticulação da economia geral do poder (2008a). Teria surgido para dar conta da aglomeração urbana e seus fluxos de mercadorias, coisas e pessoas, cada vez mais difíceis de serem dispostos pela disciplina, pelo controle direto de todas as variáveis e a imposição de uma forma predeterminada de rigidez. De certa maneira, a análise do filósofo francês está presente do início ao fim dessa dissertação, ainda que não receba tantas citações diretas. A noção da razão de Estado e dos efeitos das relações de poder ficarão mais claras, apesar de não plenamente explicadas (pois esse não é o objetivo da presente dissertação), mais a frente quando nos voltarmos para a governamentalidade neoliberal (1.4).

constituintes e que surgiriam da organização social genérica (produção e reprodução da vida) e da própria vida em luta por libertação e por liberdade com relação ao controle.

Assim, diante da resultante da composição dessas duas forças, o próprio cenário do embate se transformaria. Movimentos estratégicos das lutas, por novas formas de vida por fora do controle, rompendo com a sua forma estável; e, movimentos estratégicos do capital e do domínio, reagindo às forças que escapassem e retomando o controle. Essa metáfora, para o operáismo, seria a própria luta de classes, com a primazia da resistência que imporia um cenário aberto e irregular ao longo da história, com a variação da produção material, do trabalho individual e abstrato<sup>3</sup>, e do capitalismo para retomar a exploração e controlar a produção.

Esse instrumento, usado pela literatura que percorreremos, passará pelos três capítulos propostos por essa dissertação. O objetivo geral desses será analisar teoricamente a transição<sup>4</sup> das formas de organização produtiva e do seu controle. Esse estudo se voltará tanto para a perspectiva político-econômica, como a do funcionamento jurídico-político das instituições.

No primeiro, proporemos identificar e analisar a transição político-econômica da produção fabril e das formas de controle e de exploração do capitalismo moderno. Recuperaremos as análises sobre a trindade da organização taylorista, fordista e keynesiana, e as suas mudanças no curso das lutas. Depois, abordaremos a passagem para a produção biopolítica e as formas de governo e controle neoliberais e de exploração pelo regime das finanças.

Na sequência, no segundo capítulo, propor-nos-emos percorrer essa transição sob a

---

<sup>3</sup> O conceito de trabalho abstrato e concreto, importantes para a dissertação, serão melhor explicados no primeiro capítulo. Para mais, conferir a nota de rodapé 19.

<sup>4</sup> Como o conceito de transição é imprescindível para a dissertação, talvez fosse o caso de o aclarar um pouco, por mais que ao longo da dissertação ele seja desenvolvido. No momento em que preferimos usar esse conceito ao invés de “história”, “evolução” ou “progresso” é para justamente para marcar a diferença da análise que aqui se propõe. A transição remeteria à noção da abertura da história, o reconhecimento de que o jogo das relações de poder (na acepção foucaultiana, a economia das relações de poder) não é perene ou mutável apenas pelas instituições. A história desse jogo seria a da leitura das diferentes fraturas temporais na reprodução e produção do corpo social disforme, sobre o qual agiria as duas forças da metáfora anterior. É bem próximo do sentido das leituras de Foucault acerca da genealogia: “as insurreições pertencem à história. Mas, de certa forma, lhe escapam (...). Pois é preciso ao mesmo tempo espreitar, por baixo da história, o que a rompe e agita” (2004, p. 77-81). Também, em outro trabalho: “que atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas (...). O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate (...). É preciso saber reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas, que dão conta dos atavismos e das hereditariedades; da mesma forma que é preciso saber diagnosticar as doenças do corpo, os estados de fraqueza e de energia, suas rachaduras e suas resistências para avaliar o que é um discurso filosófico. A história, com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas sínopes, é o próprio corpo do devir. E preciso ser metafísico para lhe procurar uma alma na idealidade longínqua da origem” (2010, p. 265).

perspectiva do funcionamento das instituições jurídico-políticas. Assim, retomaremos análises sobre o papel da constitucionalização do trabalho e da planificação no contexto do Estado de Bem-Estar social. Também, estudaremos a sua transição para o cenário da globalização e a transformação das bases modernas da soberania e do direito centradas nos Estados-nação. Nesse momento, preocupar-nos-emos com entender o que seria a *governance*, enquanto um novo reconhecimento da função do papel do Estado e do direito, e como ela se relacionaria com o novo contexto produtivo e de exploração neoliberal e financeira.

Por fim, no terceiro e breve capítulo, reanalisaremos a leitura teórica da produção contemporânea, da produção biopolítica, como um campo de resistência e de abertura. E, tentaremos, diante dessa análise, traçar as principais armadilhas que essa produção poderia cair diante de todo o cenário da transição analisado nos dois capítulos anteriores.

Conforme já poderia ser previsto, percorreremos nesses capítulos principalmente a literatura do operaísmo, sob as luzes do seu interessante instrumento da primazia da resistência. Passaremos por autores como Antonio Negri, Michael Hardt, Maurizio Lazzarato, Giuseppe Cocco, Andrea Fumagalli, Christian Marazzi e Paolo Virno, entre outros. Também, tendo em vista a proximidade entre dos campos de pesquisa, que veremos mais a frente, analisaremos também Michel Foucault e, como base para o segundo capítulo, as produções acerca da *governance* no direito e nas instituições jurídico-políticas.

Portanto, realizaremos um trabalho de análise teórica e de revisão literária para identificar a transição das formas modernas de organização política inserida na análise econômica e sobre as instituições jurídico-políticas para as contemporâneas. E, também, do campo de abertura das lutas na produção biopolítica atual e as suas armadilhas.

É dessa forma que agora caberia iniciar o estudo político da produção e da exploração capitalista que será a proposta do primeiro capítulo.

## REFERÊNCIAS

- ALTAMIRA, C. *Os marxismos do novo século*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- ALLEGRI, G. Prefazione. In: NEGRI, A. *Dentro/contro il diritto sovrano: dallo Stato dei partiti ai movimenti della governance*. Verona: Ombre Corte, 2009, pp. 8-37.
- AMENDOLA, A. Di precaria costituzione. Soggettività postsalariali e movimenti costituenti. In: CHICCHI, F; LEONARDI, E. (Org.) *Condizione precaria, nuovi conflitti e regime neoliberista*. Verona: Ombre Corte, 2011, pp.179-194.
- ARIENZO, A. Dalla corporate governance alla categoria politica di governance. In: BORRELLI, G. *Governance*. Napoli: Dante & Descartes, 2004, pp. 125-162.
- \_\_\_\_\_. La governance e il conflitto politico: quali dispositivi per una democrazia in crisi? In: ARIENZO, A.; CARUSO, D. *Conflitti Controdiscorsi*. Napoli: Dante & Descartes, 2005, pp. 447-461.
- \_\_\_\_\_. Governo, governamentalità, governance: riflessioni sul neo-liberalismo contemporaneo. In: VINALE, A. *Biopolitica e democrazia*. Milão: Mimesis, 2007, pp. 251-277.
- \_\_\_\_\_. *La Governance*. Roma: Ediesse, 2013.
- BALDI, G. Theses on mass worker and social capital. In: *Radical America*, v. 6, n. 3, pp. 3-21, 1972.
- BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (Org.). *Reflexive Modernization: politics, tradition and aesthetics in the modern social order*. Londres: Polity Press, 1996.
- BELTRAN, S.; CAVA, B. (Orgs). *Podemos e Syriza: experimentações políticas e democracia no século 21*. São Paulo: Annablume, 2015.
- BOUTANG, Y. *Cognitive capitalism*. Tradução de Ed Emery. Cambridge: Polity Press, 2011.
- CAVA, B. A copesquisa militante no autonomismo operaísta. In: *Revista Lugar Comum*. Rio de Janeiro, v. 37-38, pp. 17-38, 2013.
- CHIGNOLA, S. (Org.). *Il diritto del comune: crisi della sovranità, proprietà e nuovi poteri costituenti*. Verona: Ombre Corte, 2012.
- CHIGNOLA, S. A la sombra del Estado: governance, gubernamentalidad, gobierno. In: *Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social*, Maracaibo, v. 19, n. 66, pp. 37-51, 2014.



COCCO, G. *Trabalho e Cidadania*. Rio de Janeiro: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: LAZZARATO, M; NEGRI, T. *Trabalho imaterial*. Tradução de Mônica Jesus. Introdução de Giuseppe Cocco. Rio de Janeiro: LP&A, 2001, pp. 7-51.

COCCO, G.; SILVA, G.; GALVÃO, A (orgs.). *Capitalismo cognitivo*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. *MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. Trabalho sem Obra, Obra sem Autor: a constituição do comum. In: BELISÁRIO, A; TARIN, B (Orgs.). *Copyfight: pirataria e cultura livre*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, pp. 12-29.

\_\_\_\_\_. *Korpobraz: por uma política dos corpos*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

COCCO, G. VILARIM, G. Trabalho imaterial e produção de software no capitalismo cognitivo. In: *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, pp. 173-190, 2009.

CORSANI, A. Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo. In: COCCO, G.; SILVA, G.; GALVÃO, A (orgs.). *Capitalismo cognitivo*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 15-32.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedade de controle. In: DELEUZE, G. *Conversações 1972-90*. Tradução de Peter Pelbart. São Paulo: Ed. 34. 1992, pp. 219-226.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault*. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Portocarrero, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 218-270.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Segurança, Território e População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FUMAGALLI, A. 2010. *Bioeconomia y Capitalismo Cognitivo: hacia un nuevo paradigma de acumulación*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2010.

FUMAGALLI, A.; MEZZADRA, S. (Orgs.). *A Crise da Economia Global: mercados financeiros, lutas sociais e novos cenários políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GORZ, A. *Metamorfosis del trabajo*. Tradução de Mari-Carmen Ruiz de Elvira. Madrid: Sistema, 1995.

\_\_\_\_\_. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. Tradução de Celso Arwn Júnior. São Paulo: Annablume, 2005.

GROSSI, P. *O direito entre o poder e ordenamento*. Tradução de Arno Dal Ri Júnior. Belo Horizonte: Del Rey, 2010.

HARAWAY, D. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARVEY, D. *A brief history of neoliberalism*. New York: Oxford University Press, 2005.

LAZZARATO, M. *As revoluções do capitalismo*. Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. *Governo das Desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*. Tradução Renato Santos. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

\_\_\_\_\_. *La fábrica del hombre endeudado*. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2013.

LAZZARATO, M; NEGRI, A. *Trabalho imaterial*. Tradução de Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KOOIMAN, J (Org.). *Modern Governance*. Londres: SAGE Publications Ltd, 1993.

MAYNTZ, R. La teoria della governance: sfide e prospettive. *Rivista Italiana di Scienza Politica*, Itália, v. 29, n. 1, pp. 14-37, 1999.

MARAZZI, C. *Capital and Language: from the new economy to the war economy*. Tradução de Gregory Conti. Los Angeles: Semiotext(e), 2008.

\_\_\_\_\_. *O lugar das meias: A virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

\_\_\_\_\_. *The Violence of Financial Capitalism*. Tradução de Kristina Lebedeva e Jason Francis Gimsey. Los Angeles: Semiotext(e), 2011.

MENDES, A. *Para além da “tragédia do comum”*: conflito e subjetividade no capitalismo contemporâneo. 188-fls. Tese de Doutorado apresentada ao Mestrado em Teoria e Filosofia do Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2012a.

MENDES, A. Bio-economia e produção do comum: reflexões a partir do pensamento de Michel Foucault. In: *Revista Lugar Comum*. Rio de Janeiro, v. 35-36, pp. 71-95, 2012b.

MENDES, A. A atualidade do comunismo: a produção do comum no pensamento político de Toni Negri. In: *Revista Direito e Práxis*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1 pp. 17-38, 2012c.

MESSINA, G. *Diritto liquido?: la governance come nuovo paradigma della politica e del diritto*. Milão: FrancoAngeli, 2012.

MEZZADRA, S. Operaísmo e pós-operaísmo. Tradução de Bruno Cava. In: *Revista Lugar Comum*. Rio de Janeiro, v. 42, pp. 85-92, 2014.

NEGRI, A. 1988a. *Revolution Retrieved: writings on Marx, Keynes, Capitalist Crisis and New Social Subjects*. London: Red Notes, 1988a.

\_\_\_\_\_. Keynes and the Capitalist Theory of the State post-1929. In: *Revolution Retrieved: writings on Marx, Keynes, Capitalist Crisis and New Social Subjects*. London: Red Notes, 1988b, pp. 5-42.

\_\_\_\_\_. Archaeology and Project: the Mass Worker and the Social Worker. In: *Revolution Retrieved: writings on Marx, Keynes, Capitalist Crisis and New Social Subjects*. London: Red Notes, 1988c, pp. 199-228.

\_\_\_\_\_. *Cinco lições sobre Império*. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

\_\_\_\_\_. *La forma-Estado*. Tradução de Raúl Sánchez Cedillo. Madrid: Akal, S.A, 2003b.

\_\_\_\_\_. El trabajo en la Constitución. In: NEGRI, A. *La forma-Estado*. Traducción de Raúl Sánchez Cedillo. Madrid: Akal, S.A, 2003c, pp. 112-156.

\_\_\_\_\_. *Los libros de la autonomia obrera*. Traducción de Raúl Sánchez Cedillo. Madrid: Akal, S.A, 2004a.

\_\_\_\_\_. Para la crítica de la constitución material: autovalorización obrera e hipótesis de partido. In: NEGRI, A. *Los libros de la autonomia obrera*. Traducción de Raúl Sánchez Cedillo. Madrid: Akal, S.A, 2004b, pp. 35-96.

\_\_\_\_\_. *La Fábrica de porcelana: una nuova gramática de la política*. Tradução de Susana Lauro. Barcelona: Paidós, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dentro/contro il diritto sovrano: dallo Stato dei partiti ai movimenti della governance*. Verona: Ombre Corte, 2009.

\_\_\_\_\_. Posfácio: algumas reflexões sobre o rentismo na “grande crise” de 2007 (e seguintes). In: FUMAGALLI, A; MEZZADRA, S. (Orgs.). *A crise da economia global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 211-237.

\_\_\_\_\_. Il diritto del comune. In: CHIGNOLA, S. (Org.). 2012. *Il diritto del comune: crisi della sovranità, proprietà e nuovi poteri costituenti*. Verona: Ombre Corte, 2012, pp. 97-139.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: NEGRI, A. *El Poder Constituyente: ensayo sobre las alternativas de la modernidad*. Tradução de Simona Frabotta e Raúl Sánchez Cedillo. Madrid: Traficantes de Sueños, pp. 11-21, 2014a.

\_\_\_\_\_. *Factory of Strategy: thirty-three lessons on Lenin*. Tradução de Arianna Bove. New York: Columbia University Press, 2014b.

\_\_\_\_\_. *Biocapitalismo: entre Spinoza e a constituição política do presente*. Tradução de Maria Paula Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2015a.

\_\_\_\_\_. *O poder constituinte: ensaio sobre as alternativas da modernidade*. Tradução de Antonio Pilatti. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015b.

\_\_\_\_\_. A propósito da constituição e do capital financeiro. Tradução de Alexandre Fabiano Mendes e Luiz Felipe Teves. In: *Revista Lugar Comum*. Rio de Janeiro, v. 45, pp. 91-106, 2015c.

NEGRI, A.; HARDT, M. 2004. *O trabalho de Dioniso*. Tradução de Marcello Lino. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.

\_\_\_\_\_. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. *Commonwealth*. Cambridge e Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. *Multidão*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, p. 2014.

PIORE, M; SABEL, C. *Second industrial divide*. New York: Basic Books, 1984.

READ, J. *The Micro-Politics of Capital: Marx and the Prehistory of capital*. New York: State University of New York Press, 2003.

\_\_\_\_\_. The Production of Subjectivity: From Transindividuality to the Commons. *New Formations: A Journal of Culture/Theory/Politics*, v. 70, pp. 70-103, 2010.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Maria Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSENAU, J.; CZEMPIEL, E-O (Org.). *Governance Without Government: order and change in world politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

TARÌ, M. *Um piano nas barricadas: autonomia operária*. Tradução de Edições Antipáticas. Lisboa: Edições Antipáticas, 2013.

TEUBNER, G. *Instituzioni in frammenti: il costituzionalismo sociale al di là dello Stato-nazione*. In: CHIGNOLA, S. (Org.). *Il diritto del comune: crisi della sovranità, proprietà e nuovi poteri costituenti*. Verona: Ombre Corte, 2012a, pp. 116-164.

\_\_\_\_\_. *Constitutional Fragments: Societal Constitutionalism and Globalization*. Oxford: Oxford University Press, 2012b.

UNIÃO EUROPÉIA. *Our Global Neighbourhood: The Commission on Global Governance*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

VERCELLONE, C. Crisis de la ley del valor y devenir renta de la ganancia: Apuntes sobre la crisis sistémica del <sup>[i]</sup>capitalismo cognitivo. In: FUMAGALLI, A; MEZZADRA, S. (Orgs.). *A crise da economia global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 57-94.

VIRNO, P. *Virtuosismo e revolução: a ideia de “mundo” entre a experiência sensível e a esfera pública*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *Gramática da multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas*. São Paulo: Annablume, 2010.

VIRNO, P.; HARDT, M (Org.). *Radical Thought in Italy: a potential politics*. Londres: University of Minnesota Press, 1996.

WRIGHT, S. *Storming Heaven: class composition and struggle in Italian autonomist marxism*. Londres: Pluto Press, 2002.